

Geografia física e História natural em Kant: uma releitura semântica

[Physical geography and history in Kant: a semantic re-reading]

Jorge Vanderlei Costa da Conceição *

Universidade de Campinas (Campinas, Brasil)

1. Introdução

Em uma nota de rodapé da *Antropologia de um ponto de vista pragmático*, Kant comentou que além das suas atividades relacionadas à filosofia pura, ele também ministrou por mais de trinta anos dois cursos, que aconteciam no verão e no inverno. Os cursos de inverno era os de *Antropologia* e os manuais desses são a base da obra acima citada, a qual foi publicada em 1798. Os cursos de verão era os de *Geografia física*, mas diferente do que ocorre com os de *Antropologia*, na introdução da obra acima citada, Kant esclarece que a publicação dos manuais desses cursos era impossível por dois motivos: primeiro, ele considerava que as suas anotações eram inteligíveis, por isso a organização desses manuais somente poderia ser organizar por ele; segundo, mas a sua idade avançada dificultava a realização dessa tarefa (Cf. *Anth*, AA 07:122). Por esses motivos, não haveria nenhuma publicação dos cadernos utilizado por ele nos cursos de *Geografia* na forma de um texto editado tal como ocorrera com os cursos de *Antropologia*.

Apesar das observações apresentadas por Kant, a edição da obra presente na Akademie, intitulada *Physische Geographie* de 1802, foi realizada por Rink e, para realizar essa tarefa, ele utilizou-se dos cadernos usados por Kant nos cursos de *Geografia física*, de quem deve a anuência. Essa informação é importante, uma vez que em 1797, Gottfried Dietrich Lebrecht Vollmer procurou Kant com a intenção de ser o editor de suas anotações dos cursos de *Geografia física*, mas Kant rejeitara o pedido dele. Mesmo com a negativa, Vollmer editou uma versão desses cursos intitulada *Kants physische Geographie*, mas diferente de Rink, ele utilizou as anotações de três alunos que participavam dos cursos do semestre de verão, essas anotações são dos cursos ministrados em 1778, 1782 e 1793. A publicação do

* E-mail: anedotismo@yahoo.com.br

primeiro volume dos cursos de Geografia organizada por Vollmer ocorreu em 1801, o segundo volume em 1802, o terceiro em 1803⁴ e o quarto e último volume em 1805. Os dois primeiros volumes foram reeditados com o título *Physische Geographie nach Kantischen Ideen*, mas acerca das obras editadas por Vollmer, Kant não as reconheceu como suas. A única edição dos cursos de *Geografia física* reconhecida por Kant foi editada por Friedrich Theodor Rink em 1802, que a partir de vários manuscritos desses cursos elaborou a obra *Immanuel Kant Physische Geographie*. Ainda sobre a edição dos cursos de *Geografia física* é importante ressaltar, que no início do século XX, Adickes tentou organizar uma nova versão dos cursos de *Geografia física*, mas isso foi recusado, porque Werner Stark preparava o volume XXVI da *Akademie*, no qual essas aulas e cursos estão disponíveis.

Como já dito aqui, os cursos de *Geografia física* foram ministrados de 1756 até 1796, mas que a partir de 1773 como anunciado em uma carta (*Br*, AA 10:146), Kant diferenciou as instruções [*Vorübung*] do curso *Antropologia* das do curso de *Geografia física*, pois um ano antes disso, ele ministrou pela primeira vez o último curso. Acerca desses cursos, ele afirmou o seguinte: “as experiências da natureza e do homem combinadas constituem o conhecimento do mundo. O conhecimento do homem nos é ensinado pela *Antropologia*, devemos à *Geografia física* [*physischen Geographie*] ou descrição física da Terra [*physischen Erdbeschreibung*] o conhecimento da natureza¹.” (*PG*, AA 09:157) Ambos os cursos são tidos como parte do conhecimento do mundo, mas como já indicado aqui, em 1773, Kant distinguiu as instruções de *Geografia física* das instruções de *Antropologia*. Acerca dessa distinção, Kant escreveu o seguinte:

ocupo-me nisso no meu tempo livre, trabalho este meu ponto de vista a partir da doutrina da observação, que agrada bastante para exercícios preliminares [*Vorübung*] à juventude acadêmica de habilidade, de prudência e mesmo de sabedoria, que diferencia principalmente a geografia física de outras instruções, que podem ser chamadas de conhecimento do mundo.²(*Br*, AA 10:144-146)

Nessa correspondência, o autor afirma que as instruções preliminares de *Antropologia* se difere das de *Geografia física*, apesar de ambas fazerem parte do conhecimento do mundo. Sobre isso, Adickes afirmou seguinte:

[...] 1) a partir do conhecimento do mundo, isto é, do qual o uso do conhecimento e das habilidades adquiridas é aplicável ao mundo. Este conhecimento do mundo é

¹ Die Erfahrungen der Natur und des Menschen zusammen die Welterkenntnisse aus. Die Kenntnis des Menschen lehrt uns die Anthropologie, die Kenntnis der Natur verdanken wir der physischen Geographie oder Erdbeschreibung.

² Ich arbeite in Zwischenzeiten daran, aus dieser in meinen Augen sehr angenehmen Beobachtungslehre eine Vorübung der Geschicklichkeit der Klugheit und selbst der Weisheit vor die akademische Jugend zu machen welche nebst der physischen Geographie von aller andern Unterweisung unterschieden ist und die Kenntnis der Welt heißen kann.

teórico, quando ele refere-se, como a *Geografia física*, às coisas no mundo, por exemplo, os animais, as plantas e minerais nas diversidades de países e climas, a raça humana como produto pertencente ao jogo da natureza e em geral, o que a natureza faz do homem; ele é pragmático, quando ele, como na antropologia, ocupa-se do homem como cidadão do mundo e, por conseguinte, o que ele pode fazer de si como ser racional livre ou no mínimo o que pode e deve fazer³. (ADICKES, 1925, p.377)

Conforme o pesquisador, o conhecimento do mundo é classificado como teórico e pragmático, na medida em que: as instruções de *Geografia física* ocupam-se das coisas no mundo, pois elas são tematizadas a partir do lugar delas nele, por isso, essas instruções constituem a parte teórica do conhecimento do mundo; as instruções de *Antropologia* problematizam o homem como um cidadão do mundo, pois ele não é tematizado a partir do que a natureza fez dele, mas sim a partir do que ele pode e deve fazer de si mesmo como um ser racional e livre e, por essa razão, essas instruções constituem a parte pragmática do conhecimento do mundo.

No curso de *Geografia física*, o homem é problematizado como uma coisa no mundo, por isso, de acordo com Adickes, o homem é tematizado como um produto da natureza. Essa afirmativa se justifica na medida em que o conhecimento geográfico investiga os objetos dados no tempo e no espaço, o que permite um visão sistemática da natureza. Isso é possível, pois para Adickes (Cf. 1925, p. 169), a *Geografia física* é a única ciência que articula o tempo e o espaço em uma explicação científica, porque envolve uma descrição espacial completa da Terra e dos seus habitantes. Como indicado na citação, essa descrição diz respeito aos três reinos dos seres vivos, aos diferentes climas, às diferenças geográficas dos países e à diversidade *das raças humana*⁴. Todavia, não concordamos com Adickes no que diz respeito à investigação do homem a partir do que a natureza faz dele, a fim de validar a nossa tese proporemos uma distinção entre a investigação do homem desenvolvida pela *Geografia física* e pela *História natural*. Por fim, de acordo com o pesquisador, em seus cursos de *Geografia física*, Kant investiga as coisas no mundo em sua dimensão espacial, é por isso que neste caso o homem é tematizado como um jogo da natureza ou produto dela.

Apresentamos até aqui uma breve reconstrução histórica dos cursos de *Geografia física*, uma vez que o nosso objetivo aqui é demonstrar a diferença entre as instruções preliminares de *Geografia física* das da *História natural*. Assim,

³ 1) auf Weltkenntnis ab, d. h. darauf, die erworbenen Kenntnisse und Geschicklichkeiten zum Gebrauch für die Welt anwendbar zu machen. Diese Weltkenntnis ist theoretisch, wenn sie sich, wie die physische Geographie, aus die Sachen in der Welt, z. b. die Tiere, Pflanzern und Mineralien in verschiedenen Ländern und Klimaten, die Menschenrassen als zum Spiel der Natur gehörige Produkte und überhaupt auf das bezieht, was die Natur aus dem Menschen macht; sie ist pragmatisch, wenn sie, wie die Anthropologie, auf den Menschen als Weltbürger geht und also auf das, was er selbst als freihandelndes Wesen aus sich macht oder wenigstens machen kann und soll.

⁴ O conceito de raça é um pseudoconceito científico como recomendado pela UNESCO em 1950, pois a humanidade é única e todos os homens são Homo sapiens. Utilizaremos o conceito de diversidade de raças no texto a fim de reconstruir a argumentação kantiana, mas ressaltamos que esses conceitos não são científicos.

defenderemos a distinção entre essas disciplinas através de um critério semântico, o qual foi desenvolvido por Kant em *Physische Geographie*. Para realizarmos o objetivo almejado, dividimos este artigo em três partes. Na primeira parte, analisaremos a ideia de arquetônica e enciclopédia desenvolvida por Kant em seus cursos de *Geografia física*, a fim de determinarmos qual é o estatuto dos cursos de *Geografia física*. Na segunda parte, examinaremos os domínios de interpretação sensível das proposições da Geografia física das da História natural, porque objetivamos distinguir os domínios de interpretação sensíveis das proposições dessas disciplinas. Por fim, na terceira parte examinaremos a diferença entre os procedimentos de satisfabilidade das proposições da *Geografia física* e da *História natural*, pois pretendemos interpretar essa diferença a partir da tese da decidibilidade dos problemas da razão formulada por Loparic (Cf. 2005). Para validar a nossa interpretação, nós partimos dos resultados obtidos por Loparic (2005) e por Perez (2008), pois ambos interpretam a filosofia kantiana como um tratado lógico-semântico, pois a indagação kantiana acerca da possibilidade das proposições sintéticas em geral produz uma teoria de como essas podem ser preenchidas por conteúdos dados ou construídos na sensibilidade.

2. A ideia de arquetônica e enciclopédia em *Physische Geographie*

Em *Physische Geographie*, Kant indagou acerca da possibilidade da cientificidade da disciplina de *Geografia física*, a fim de solucionar esse problema, ele propôs uma estrutura arquetônica e enciclopédica à ela. Conforme Kant,

além disso, também temos que conhecer os objetos de nossa experiência ao todo, de modo que nossos conhecimentos não constituam nenhum agregado, e sim um sistema. Pois no sistema o todo está antes das partes; no agregado, ao contrário, as partes estão antes.

Essa condição acontece com todas as ciências que produzem em nós uma ligação [*Verknüpfung*], por exemplo, a enciclopédia, onde o todo aparece primeiramente no contexto [*im Zusammenhange*]. A ideia é arquetônica, ela cria as ciências. Quem, por exemplo, quer construir uma casa, faz-se em primeiro lugar, uma ideia do todo, do qual depois todas as partes são derivadas. Assim, portanto, nossa preparação atual é também uma ideia do conhecimento do mundo. Nós forjamos aqui do mesmo modo, a saber, um conceito arquetônico, que é um conceito, do qual o múltiplo é derivado do todo⁵. (PG, AA 09:158)

⁵ Ferner aber müssen wir auch die Gegenstände unserer Erfahrung im Ganzen kennen lernen, so dass unsere Erkenntnisse kein Aggregat, sondern ein System ausmachen; denn im System ist das Ganze eher als die Theile, im Aggregat hingegen sind die Teile eher da.

Diese Bewandnis hat es mit allen Wissenschaften, die eine Verknüpfung in uns hervorbringen, z.B. mit der Enzyklopädie, wo das Ganze erst im Zusammenhange erscheint. Die Idee ist architektonisch; sie schafft die

Essa citação apresenta dois argumentos importantes para fundamentarmos a validade científica da disciplina de *Geografia física*, o primeiro diz respeito à ideia de enciclopédia e o segundo trata da ideia de arquitetura. Para determinarmos o sentido da ideia de enciclopédia nesses cursos, nós recorreremos ao texto *Erste Fassung der Einleitung in die Kritik der Urteilskraft*, pois nele Kant diferencia a introdução propedêutica [*propädeutische Introduction*] da enciclopédica [*enzyklopädische Introduction*]. No caso da introdução propedêutica, ela trata da introdução de uma doutrina, a fim de indicar o lugar dela no sistema (Cf. *EEKU*, AA 20:241). No caso da introdução enciclopédica, ela trata da introdução de um sistema realizada através da ligação das suas partes, o que em tese demonstra a unidade das partes num todo. Conforme Kant, o domínio teórico e prático na primeira introdução da *Crítica da Faculdade de Juízo* são concebidos como conhecimentos introdutórios de um sistema que engloba ambas, uma vez que a faculdade de julgar [*Urteilskraft*] executaria a ligação entre esses domínios. Dito de outra maneira, ambos os domínios da razão são concebidos na primeira introdução da *Crítica da Faculdade de juízo* como doutrinas introdutórias de um sistema, que em tese seria a filosofia transcendental e a terceira Crítica seria a conclusão do sistema. Neste sentido, apesar de ambos serem domínios distintos, eles fazem parte de um mesmo sistema e a faculdade de julgar executaria a ligação entre o domínio teórico e prático da razão.

Feitas observações anteriores, interpretamos a ideia de enciclopédia, em *Physische Geographie*, como uma doutrina introdutória de um sistema, que neste caso é o *Conhecimento do mundo*. Esse sistema é formado pelas instruções do curso de *Geografia física* e do curso de *Antropologia*, pois ambas são concebidas como introduções enciclopédicas dele. Dito de outro modo, a ideia de enciclopédia apresentada nos cursos de *Geografia física* indica que esses cursos foram concebidos por Kant como exercícios preliminares [*Vorübung*] do *Conhecimento do mundo*, porque as instruções de Geografia e de *Antropologia* constituem as duas partes desse sistema (Cf. *Br*, AA 10:116\ *PG* 9:156\ *Anth*, AA 07:119). Neste sentido, o conhecimento do mundo é concebido como um sistema que conecta os cursos de *Antropologia* e de *Geografia física*, pois ambos são pensados como lições introdutórias dele, ou seja, como doutrinas introdutórias de um sistema do qual elas fazem parte. Isso faz sentido, pois segundo o autor as experiências que nós temos da natureza e do homem constituem juntas o *Conhecimento do mundo*, a primeira é tematizada pela *Geografia* e a segunda pela *Antropologia*.

Acerca do curso de *Geografia física*, Kant argumentou o seguinte: “a descrição física da Terra é, portanto, a primeira parte do conhecimento do mundo.

Wissenschaften. Wer z.E. ein Haus bauen will, der macht sich zuerst eine Idee für das Ganze, aus der hernach alle Theile abgeleitet werden. So ist also auch unsere gegenwärtige Vorbereitung eine Idee von der Kenntnis der Welt. Wir machen uns hier nämlich gleichfalls einen architektonischen Begriff, welches ein Begriff ist, bei dem das Mannigfaltige aus dem Ganzen abgeleitet wird.

Ela faz parte de uma ideia, a qual se pode denominar *de propedêutica no conhecimento do mundo*⁶.” (PG, AA 09:156) As aulas de *Geografia física* são classificadas por Kant como uma doutrina introdutória de um sistema do qual ela faz parte, que neste caso é o *Conhecimento do mundo*. Por essa razão, esses cursos são concebidos, por um lado, como lições propedêuticas, no sentido de uma introdução acerca da cientificidade da própria *Geografia física* e, por outro lado, como uma introdução enciclopédica como lições preliminares do conhecimento do mundo, pois neste caso esses cursos são lições introdutórias de um sistema do qual fazem parte. Por consequência disso, precisamos conceber tanto a disciplina de *Geografia física* quanto a de *Antropologia* como sistemas autônomos, mas que juntas fazem parte do *Conhecimento do mundo* como um sistema único, pois ambas são concebidas como instruções introdutórias dele.

Apresentado o primeiro argumento, agora analisaremos o segundo que trata da ideia de arquetônica, a qual possui dois sentidos: o primeiro sentido refere-se à razão como a faculdade de derivar a parte do todo, pois ela se ocupa da fundamentação dos princípios da *Geografia física* como ciência, o que remete ao movimento realizado na primeira *Crítica* por Kant (Cf. *KrV* B 674); o segundo sentido, diz respeito à sistematização teleológica dessa disciplina, mas isso não se limita em apenas fundar os seus princípios científicos da *Geografia física*, mas trataria da sistematização de uma filosofia da natureza segundo fins. (Cf. *KU*, AA 05: 305) A primeira acepção de arquetônica trata da ideia de fundamentação, de preparação do terreno, de esclarecimento dos fundamentos, ou seja, trata de uma teoria do método e da cientificidade da *Geografia física*, o que seria similar ao movimento realizado por Kant na *Crítica da razão pura* em relação à Metafísica. Em outras palavras, trata da indagação acerca da possibilidade da *Geografia física* operar como ciência. A segunda acepção de arquetônica problematiza a possibilidade do ajuizamento teleológico da natureza, dado que os seres organizados apresentam fins naturais, o que implica em um possível sistema de fins da natureza. Diferentemente da primeira acepção, a segunda não trata meramente da capacidade da razão em derivar a parte do todo, mas sim da capacidade de um entendimento arquetônico, ou seja, da faculdade de julgar reflexiva. Em *Physische Geographie*, a ideia de arquetônica deve ser compreendida no primeiro sentido, pois nessa obra o objetivo central do texto é demonstrar os fundamentos da *Geografia* como ciência.

Até aqui analisamos os sentidos dos termos enciclopédia e arquetônica em *Physische Geographie*, pois ambos nos permitem definir o que Kant compreende por *Geografia*. Sobre a ideia de enciclopédia, defendemos que a mesma refere-se à ideia de uma doutrina propedêutica, por essa razão os cursos de *Geografia* devem

⁶ Die physische Erdbeschreibung ist also der erste Theil der Weltkenntniß. Sie gehört zu einer Idee, die man die Propädeutik in der Erkenntniß der Welt nennen kann.

ser interpretados como lições preliminares do *Conhecimento do mundo*. Acerca da ideia de arquetônica, afirmamos haver dois possíveis significados em *Physische Geographie*, que em tese estaria de acordo com as intenções desenvolvidas por Kant na *primeira* e na *terceira Crítica*. Por exemplo, na *Apresentação dos cursos de Semestre de inverno de 1765\66*, o autor argumenta que: “esboçar o projeto fundamental de acordo com o qual o edifício da razão será executado de forma duradoura e regular.” (NEV, AA 02: 310) Ainda nesse texto, ele aventa a hipótese de apresentar um grande mapa da espécie humana [*eine große Karte des menschlichen Geschlechts*] (NEV, AA 02: 313), dado que nele conteria o que é ou não moral em cada civilização, pois Kant visaria distinguir o temperamento do caráter (Cf. NEV, AA 02: 310). Na primeira citação, Kant propôs fundamentar os princípios das lições de *Ética* e de *Geografia física*, mas, para isso, torna-se necessário apresentar os princípios dessas ciências, isto é, demonstrar a possibilidade da cientificidade da *Geografia física* e da *Ética*. Isso é diferente da ideia de elaboração de um grande mapa da espécie humana, ou seja, da organização dos seres racionais segundo fins morais e naturais, que implica em um sistema maior que envolve tanto a *Geografia* quanto a *Antropologia*, esse sistema foi chamado por Kant de *Conhecimento do mundo*. Apesar disso, defenderemos que a ideia de arquetônica sugerida em *Physische Geographie* e em *Apresentação dos cursos de Semestre de inverno de 1767\66* trata da ideia de edificar, de preparação de terreno, de construção de firmamento, de definir os primeiros princípios da *Geografia física* como ciência, pois diz respeito à possibilidade da *Geografia física* operar ou não de forma científica. Isso é importante, pois segundo Kant os cursos de *Geografia* constituem a parte teórica do conhecimento do mundo, enquanto os cursos de *Antropologia* a parte pragmática. Como já indicado aqui, Adickes (Cf. 1925) também sustenta que o conhecimento do mundo possui uma parte teórica, que é composta pelos cursos de *Geografia física*, e uma parte prática, que é composta pelos cursos de *Antropologia*.

3. A indagação acerca da cientificidade da Geografia física como um problema lógico-semântico

A fim de validar a tese defendida de que a ideia de arquitetônica trata da possibilidade da cientificidade da *Geografia física*, utilizaremos como base do nosso argumento os textos contemporâneos a *Apresentação dos cursos de Semestre de inverno de 1765/66*, que é *O único argumento possível para uma demonstração da existência de Deus*. Nessa obra, Kant argumenta o seguinte:

quis apenas projetar os primeiros traços de um esboço geral, de acordo com o qual, como acredito, poderia ser construído um edifício de não pequeno esmero, se, por mãos mais exercitadas, o desenho recebesse mais correção nas partes e uma regularidade completa no todo⁷. (*BDG*, AA 02:67)

Kant apresenta a ideia de arquitetônica como edifício, pois o seu objetivo era determinar se a metafísica poderia ou não operar como ciência. Em outra obra desse período de produção kantiano, o autor apresenta uma crítica à filosofia de Crusius e de Wolff, pois ambos são ditos como construtores de castelos no ar [*Lufbaumeister*] ao elaborar os seus sistemas metafísicos. (*TG*, AA 02:342), posto que os seus sistemas não possuem nenhum alicerce. Se os metafísicos são construtores, logo os visionários não habitam um mundo comum [*eine gemeinschaftliche Welt bewohnen*], pois eles se esforçam em habitar um mundo incomum ao descrever o mundo imaterial analogamente ao sensível. Nessas obras citadas, Kant utiliza a metáfora do edifício a fim de indicar a ineficácia da cientificidade do método tradicional da metafísica, por isso que nelas há a preocupação em determinar os fundamentos, de preparar o terreno, pois ele investigava os princípios que lhe permitiria construir um edifício seguro à metafísica.

Feitas as observações acima, acreditamos que ao propor uma estrutura arquitetônica à disciplina de *Geografia*, Kant objetiva delimitar, preparar o terreno para a construção de um edifício, que neste caso é a determinação dos fundamentos que nos permite sistematizar a *Geografia física* como um discurso científico. Ainda acerca da ideia de arquitetônica, poderíamos reconstruir essa temática a partir da correspondência entre Kant e Lambert (Cf. *Br*, AA 10:51), pois nelas Kant também indagou-se acerca da possibilidade da cientificidade da metafísica. Todavia, delimitaremos aqui a problemática da arquitetônica aos cursos de *Geografia* e à questão da possibilidade da cientificidade dessa disciplina. Por essa razão, defendemos que a indagação kantiana acerca da cientificidade de um método deve ser interpretada como uma teoria da significação como defende Perez (Cf. 2008).

⁷ Ich wollte nur die erste Züge eines Hauptrisses entwerfen, nach welchen, wie ich glaube, ein Gebäude von nicht geringer Vortrefflichkeit könnte aufgeführt werden, wenn unter geübtem Händen die Zeichnung in den Theilen mehr Richtigkeit und im Ganzen eine vollendete Regelmäßigkeit erhielt.

Dito de outro modo, defenderemos que o questionamento kantiano acerca da possibilidade da cientificidade da *Geografia física* produz um tratado de significação das proposições que constituem essa ciência. Para validar a tese aqui defendida, partiremos dos resultados obtidos por Perez (Cf. 2008) em *Kant e o problema da significação*. Em seu trabalho, Perez afirma o seguinte: “sem rodeios, o sistema kantiano é a pergunta sistemática pelas condições de possibilidade das proposições sintéticas em cada âmbito e a tarefa deste livro é indagar aquelas condições como lógico-semânticas.” (PEREZ, 2008. p.23)

Feitas as observações acima, retornamos ao debate acerca do sentido da ideia de arquetônica, sobre isso Kant escreveu o seguinte na *Crítica da razão pura*:

a filosofia transcendental é a ideia de uma ciência para a qual a crítica da razão pura deverá esboçar arquetonicamente o plano total, isto é, a partir de princípios, com plena garantia da perfeição e solidez de todas as partes que constituem esse edifício. [É o sistema de todos os princípios da razão pura]. Se esta mesma crítica já não se denomina filosofia transcendental é apenas porque, para ser um sistema completo, deveria conter uma análise pormenorizada de todo o conhecimento humano *a priori*. (KrV B27)

Como podemos observar, a ideia de arquetônica na primeira *Crítica* pode ser ilustrada pela metáfora do edifício, pois ela indica a elaboração de um sistema de todos os princípios puros da razão, o que de certa maneira está em acordo com a ideia desenvolvida nos textos pré-críticos aqui citados e em *Physische Geographie*. De acordo com Santos (Cf. p. 351), a metáfora arquetônica de edifício desenvolvida por Kant em diferentes textos de diferentes períodos históricos serve para denotar o seguinte:

em primeiro lugar, serve ela para descrever a intenção dos fundamentos, de preparação do terreno, de escavação dos fundamentos, de modo a poder, em seguida, levantar-se em segurança o edifício da razão: a Metafísica. É a sua função metodológica, e, nesta função, a metáfora arquetônica é coextensiva da *Crítica da razão* enquanto trabalho propedêutico, enquanto teoria do método e da cientificidade da Metafísica. Nessa sua dimensão ela acopla-se na metafórica espacial e geográfica, na medida em que procura o chão firme, o terreno plano onde possa estabelecer-se, construir habitação permanente e progredir mediante o trabalho. (SANTOS, 1995. p.351)

Para Santos, a metáfora arquetônica do edifício trata de uma teoria do método, que neste caso deve ser entendida como uma doutrina propedêutica de um sistema. Neste sentido, a metáfora arquetônica desenvolvida na primeira *Crítica* trata de descrever os fundamentos da filosofia transcendental, que neste caso segundo Kant podem ser descritos pela teoria dos elementos e pela teoria do método. Diferentemente da *Crítica da razão pura*, em *Physische Geographie* não encontramos o desenvolvimento da teoria do método tal como na primeira *Crítica*, encontramos apenas algumas indicações da intenção de Kant em estabelecer os alicerces científicos da *Geografia física*. Por teoria do método, compreendemos a

organização de um conjunto de conhecimento a partir de uma regra geral ou princípio geral, o qual nos permite derivar a parte do todo, pois uma disciplina científica é organizada por regras previamente estabelecidas. Mais especificamente, a teoria do método descrita na primeira *Crítica* pode ser reconstruída a partir da resposta à seguinte questão: *como são possíveis os juízos sintéticos a priori?* Como já dito aqui, demonstrar as condições de possibilidade desses juízos implica em uma teoria da referência e da significação dos mesmos como indicado por Hogrebe (Cf. 1973), Loparic (Cf. 2005) e Perez (Cf. 2008).

Em comparação com a primeira *Crítica*, em *Physische Geographie* e nem nas anotações dos cursos de *Geografia* citadas não encontramos uma teoria do método bem desenvolvida, mas apenas a indicação de que a disciplina de *Geografia física* como ciência deve ser disposta de acordo com um método. Conforme Kant, o conhecimento científico geográfico não é tido como um agregado de coisas, mas como um sistema, na medida em que as partes são derivadas de um todo de acordo com uma regra. Acerca do princípio que nos permite estruturar a *Geografia física* como um discurso científico, nós encontramos a seguinte passagem em *Physische Geographie*: “por outro lado, em consequência da classificação física as coisas serão consideradas agora, de acordo com os lugares [*Stellen*] que elas ocupam na Terra. O sistema destina o lugar [*Stelle*] na divisão de classes. A descrição geográfica da natureza indica os lugares [*Stellen*] nos quais estas coisas podem realmente ser encontradas na Terra⁸.” (PG 9:160) Para estipular o princípio que permite estruturar cientificamente a *Geografia física*, o autor distingue a classificação física (*physische Einteilung*) da classificação natural, pois essa visa descrever os seres vivos a partir daquilo que a natureza faz deles, enquanto aquele descrever os seres vivos a partir do lugar que os mesmos ocupam na Terra. Para entendermos essa proposta kantiana, temos que primeiramente distinguir a *Geografia física* da *História natural*, o que faremos a partir deste ponto.

De acordo com Perez (2008), a investigação kantiana acerca das condições de possibilidade das proposições sintéticas *a priori* em geral produziu diferentes processos de significações, que estão de acordo com os critérios de satisfabilidade das proposições sintéticas em diferentes domínios da razão. Particularmente sobre os textos pré-críticos, o pesquisador argumenta o seguinte: “na medida em que Kant tenta resolver problemas metafísicos e científicos, defronta-se com problemas de significação.” (PEREZ, 2008. p.45) Noutras palavras, a indagação kantiana acerca da possibilidade da metafísica operar de acordo com as ciências da natureza produziu diferentes processos de significação, pois cada domínio da razão possui as

⁸ Zufolge der physischen Eintheilung hingegen werden die Dinge gerade nach den Stellen, die sie auf der Erde einnehmen, betrachtet. Das System weist die Stelle in der Classeneintheilung an. Die geographische Naturbeschreibung aber weist die Stellen nach, an denen jene Dinge auf der Erde wirklich zu finden sind.

suas regras de satisfabilidade de suas proposições e as regras do domínio teórico são diferentes do prático. Por esse motivo, interpretamos a proposta de uma arquitetura nos cursos de *Geografia física* como descrito em *Physische Geographie* e em *Apresentação dos cursos de Semestre de inverno de 1765\66* como um problema de significação das proposições⁹ que compõem esses cursos, ou seja, que a *Geografia física* é mais um domínio de interpretação kantiana no qual certo tipo de proposição pode ser satisfazível. Por conseguinte, reconstruiremos a temática acerca da possibilidade da constituição científica da *Geografia física* a partir da interrogação acerca dos sentidos das proposições que compõem essa disciplina.

4. A questão da raça e a história natural

Nas seções anteriores, apresentamos a hipótese de que a indagação kantiana acerca da cientificidade da Geografia física implica em um problema semântico, que é demonstrar de que maneira as proposições dessa disciplina podem ser satisfeitas por conteúdos sensíveis. Para validar a nossa tese, torna-se necessário diferenciamos a *Geografia física* da *História natural* conforme desenvolvido por Kant em *Physische Geographie*. Conforme Kant, as proposições da *Geografia física* se referem aos fenômenos que em relação ao espaço acontecem ao mesmo tempo. Diferente disso, as proposições da *História natural* se referem aos fenômenos que em relação ao tempo ocorrem um após o outro. Por essa razão, interpretamos essa distinção entre essas disciplinas como um critério semântico, pois ela nos permite delimitar como os enunciados dessas ciências podem ser preenchidos por objetos dados ou construídos na sensibilidade. Para realizarmos o objetivo aqui anunciado, examinaremos a distinção elaborada por Kant entre a *Geografia física* e a *História natural* através da tese da decidibilidade dos problemas da razão desenvolvida por Loparic. Segundo o pesquisador, a razão kantiana é concebida como um mecanismo elaborador e solucionador de problemas, pois ela é atormentada por questões que não pode evitar, pois são impostas pela sua própria natureza. Em vista disso, para ele, “a razão teórica é um dispositivo para responder as perguntas prescritas pela natureza de nossa razão, podemos ou respondê-la, ou provar que não há solução possível.” (LOPARIC, 2005. p.14) Para demonstrarmos que os processos de satisfabilidades das proposições geográficas são diferentes dos da *História natural* nós examinaremos essas distinção através da tese da decidibilidade desenvolvida por Loparic.

⁹ Não desenvolveremos os elementos semânticos apresentados por Kant em seus textos pré-críticos, pois partimos dos resultados obtidos por Perez (Cf. 2008). Acerca dessa interpretação, nós sugerimos a leitura da primeira parte da obra *Kant e o problema da significação*;

O critério que nos permite distinguir as proposições geográficas das naturalista desenvolvido em *Physische Geographie* é o seguinte: “a história da natureza contém a diversidade da geografia, como as coisas foram em diferentes épocas, mas não como elas são agora e ao mesmo tempo, pois isto seria, sim, de algum modo, descrição da natureza.” (PG, AA 09:162) A distinção kantiana entre a *História natural* e a *Geografia física* delimita de que maneira as proposições dessas ciências remetem aos objetos dados no tempo e no espaço, ao fazer isso, Kant delimita o domínio de aplicabilidade dessas disciplinas. Neste sentido, a *História natural* investiga como as coisas foram no mundo em diferentes épocas, ao invés disso, a *Geografia física* é a descrição de como as coisas são no mundo, pois elas são investigadas a partir do lugar que nós as encontramos nele. No caso do ser humano, a *Historia natural* é a narrativa das transformações fisiológicas as quais nós passamos ou, como dito em 1798, a história daquilo que a natureza faz do homem. (Cf. *Anth*, AA 07:119)

Sobre a distinção acima citada, Kant afirmou o seguinte em *Das diferentes raças humanas*:

nós habitualmente tomamos as denominações *Descrição da Natureza* e *História da Natureza* no mesmo sentido. Mas, está claro que o conhecimento das coisas da natureza, como elas agora são, sempre deixa a desejar o conhecimento daquilo que elas foram anteriormente, e por qual série de alterações passaram para chegar ao seu estado presente em todos os lugares. A *História da Natureza*, da qual nos falta quase tudo ainda, ensinar-nos-ia sobre a alteração da forma da terra, bem como sobre a alteração que as criaturas da terra (plantas e animais) sofreram por meio de migrações naturais, e sobre as derivações originadas do protótipo do gênero fundamental [*Stammgattung*] dessas criaturas. Ela provavelmente reduziria uma grande quantidade de espécies aparentemente diferentes a raças do mesmo gênero, e transformaria o agora tão detalhado sistema escolar de Descrição da Natureza em um sistema físico para o entendimento¹⁰. (*VvRM*, AA 02: 435)

Conforme a citação, o problema central da *História natural* é demonstrar a derivação das diversas raças de um gênero fundamental, o que exige a descrição de como as coisas foram em tempo sucessivos. Por essa razão, a *História natural* é mais útil do que a *Geografia física* para resolver à questão de um gênero fundamental da espécie humana, pois como já indicado aqui, as proposições da *História natural* se referem aos acontecimentos que em relação ao tempo se

¹⁰ Wir nehmen die Benennungen Naturbeschreibung und Naturgeschichte gemeinlich in einerlei Sinne. Allein es ist klar, daß die Kenntniß der Naturdinge, wie sie jetzt sind, immer noch die Erkenntniß von demjenigen wünschen lasse, was sie ehemals gewesen sind, und durch welche Reihe von Veränderungen sie durchgegangen, um an jedem Orte in ihren gegenwärtigen Zustand zu gelangen. Die Naturgeschichte, woran es uns fast noch gänzlich fehlt, würde uns die Veränderung der Erdgestalt, ingleichen die der Erdgeschöpfe (Pflanzen und Thiere), die sie durch natürliche Wandlungen erlitten haben, und ihre daraus entsprungene Abartungen von dem Urbilde der Stammgattung lehren. Sie würde vermuthlich eine große Menge scheinbar verschiedene Arten zu Racen eben derselben Gattung zurückführen und das jetzt so weitläufige Schulsystem der Naturbeschreibung in ein physisches System für den Verstand verwandeln.

sucedem um após o outro, enquanto as proposições da *Geografia física* se remetem aos fenômenos que em relação ao espaço acontecem ao mesmo tempo. Para sustentar isso, Kant apresentou a seguinte tese: se consideramos que as diferentes raças são resultado do processo migratório dos seres vivos, isso “reduziria uma grande quantidade de espécies aparentemente diferentes a raças do mesmo gênero, e transformaria o agora tão detalhado sistema escolar de descrição da natureza em um sistema físico para o entendimento.” (Cf. *VvRM*, AA 02:435) A redução da quantidade de espécies sugerida por Kant contraria a definição do gênero [*Gattungen*] e de espécie [*Arten*] promovida por alguns naturalistas da sua época, que segundo o mesmo classifica as espécies a partir das suas semelhanças. Por conseguinte, a diversidade de raças da espécie humana pertenceria ao mesmo gênero, isto significa que cada uma delas não possui uma origem própria, pois a ideia de diferentes origens para a raça humana nada mais é do que uma nomenclatura escolar de acordo com Kant.

Sobre a hipótese de um tronco comum da espécie humana, Kant escreveu o seguinte:

nós enumeramos quatro raças, sob as quais todas as variedades desse gênero devem ser compreendidas. Mas, todas as derivações precisam de um gênero fundamental [*Stammgattung*], que nós temos ou de fazer passar por já extinto ou selecionar aquele [gênero] das derivações presentes, com as quais nós melhor podemos comparar o gênero fundamental. Naturalmente, não se pode esperar encontrar, agora, em algum lugar no mundo, a feição [*Gestalt*] humana original inalterada. Justamente devido à essa propensão [*Hange*] da natureza de assimilar em longas procriações o solo em toda parte, a feição humana [*Menschengestalt*] em todo lugar tem de sofrer | modificações locais. Contudo, a parte da Terra [situada] do 31° até o 32° grau 42 de latitude no velho mundo (o qual em vista da população também parece merecer o nome de velho mundo) é, com razão, tomada por aquela parte na qual é encontrada a mais afortunada mistura de influências das regiões frias e quentes, e também a maior riqueza em criaturas da terra; onde também o homem, porque a partir [desse lugar] ele está igualmente bem preparado para todos os transplantes, e teria de estar em menor medida suprimido da sua forma original [*Urbildung*]. Mas aqui, além de nós encontrarmos brancos, também [encontramos] habitantes morenos, cuja feição nós queremos assumir como aquela mais próxima do gênero fundamental. [A derivação] mais próxima desse gênero fundamental parece ser a feição loura pura de tenra pele branca, cabelo avermelhado, olhos azuis pálidos, que no tempo dos Romanos habitou a região norte da Alemanha e (segundo outros testemunhos) mais para o leste até as montanhas Altai, sempre com imensas florestas em uma região bastante fria. Agora a influência de um ar frio e úmido, que adiciona nos fluídos uma propensão ao escorbuto, produz finalmente certa linhagem de homens, que teria prosperado até a constância de uma raça, se nessa região mesclas [*Vermischungen*] estranhas não tivessem tão frequentemente interrompido o progresso da derivação. Portanto, nós podemos ao menos incluir isso numa aproximação das verdadeiras raças, e então essas

raças em conexão com as causas naturais de sua formação [*Entstehung*] deixam se reunir sob o seguinte sumário.¹¹ (*VvRM*, AA 02:440-441)

A hipótese de um gênero fundamental é viável, na medida em que aceitamos a tese kantiana de que a aparente variedade de espécies nada mais é do que variações derivadas de um ancestral comum desses seres. Além disso, também temos que aceitar a hipótese de que as condições geográficas nas quais determinados povos vivem alteram as características fenótipos dos seus habitantes, que alinhada a capacidade de reproduzir um semelhante fértil possibilita a transmissão de certas características físicas dominantes em cada região da Terra. Neste sentido, diferente da *Geografia física* que descrever as diferentes organizações políticas, culturais dos habitantes da Terra, a *História natural* narra a história das modificações físicas do gênero humano, que ao habitar o globo terrestre sofreu diferentes transformações. Por essa razão, a *História natural* descreve o homem como um produto ou jogo da natureza, dado que o seu objetivo é demonstrar como seres humanos que habitam semelhantes terras e regiões são diferentes do ponto de vista fenótipo. (*VvRM*, AA 02:442) Para tentar resolver essa questão, Kant recorre ao princípio de reprodução buffoniana, porque delimita que seres de raças diferentes que reproduzem um ser fértil pertencem à único gênero e, além disso, que as características geográficas fomentam ou inibem o desenvolvimentos de certos germens [*Keime*]. Todavia, o objetivo aqui não é debater o alcance dos limites da tese biológica kantiana acerca da transmissão de certas características físicas, mas sim evidenciar a diferença do problema da *História natural* da *Geografia física*, que, neste caso, trata de narrar os acontecimentos em relação ao tempo um após o outro sucessivamente.

¹¹ Wir haben vier menschliche Racen gezählt, worunter alle Mannigfaltigkeiten dieser Gattung sollen begriffen sein. Alle Abartungen aber bedürfen doch einer Stammgattung, die wir entweder für schon erloschen ausgehen oder aus den vorhandenen diejenige aussuchen müssen, womit wir die Stammgattung am meisten vergleichen können. Freilich kann man nicht hoffen, jetzt irgendwo in der Welt die ursprüngliche menschliche Gestalt unverändert anzutreffen. Eben aus diesem Hange der Natur, dem Boden allerwärts in langen Zeugungen anzuarten, muß jetzt die Menschengestalt allenthalben mit Localmodification behaftet sein. Allein der Erdstrich vom 31sten bis zum 52sten Grade der Breite in der alten Welt (welche auch in Ansehung der Bevölkerung den Namen der alten Welt zu verdienen scheint) wird mit Recht für denjenigen gehalten, in welchem die glücklichste Mischung der Einflüsse der kältern und heißern Gegenden und auch der größte Reichthum an Erdgeschöpfen angetroffen wird; wo auch der Mensch, weil er von da aus zu allen Verpflanzungen gleich gut zubereitet ist, am wenigsten von seiner Urbildung abgewichen sein müßte. Hier finden wir aber zwar weiße, doch brünette Einwohner, welche Gestalt wir also für die der Stammgattung nächste annehmen wollen. Von dieser scheint die hochblonde von zarter weißer Haut, röthlichem Haar, bleichblauen Augen die nächste nordliche Abartung zu sein, welche zur Zeit der Römer die nordlichen Gegenden von Deutschland und (andern Beweisthümern nach) weiter hin nach Osten bis zum altaischen Gebürge, allerwärts aber unermeßliche Wälder in einem ziemlich kalten Erdstriche bewohnte. Nun hat der Einfluß einer kalten und feuchten Luft, welche den Säften einen Hang zum Skorbut zuzieht, endlich einen gewissen Schlag Menschen hervorgebracht, der bis zur Beständigkeit einer Race würde gediehen sein, wenn in diesem Erdstriche nicht so häufig fremde Vermischungen den Fortgang der Abartung unterbrochen hätten. Wir können diese also zum wenigsten als eine Annäherung den wirklichen Racen beizählen, und alsdann werden diese in Verbindung mit den Naturursachen ihrer Entstehung sich unter folgenden Abriß bringen lassen.

De acordo com Kant, a constatação de gênero fundamental de cada espécie nos permitiria reduzir a quantidade de espécies que aparentemente são fundamentadas a partir de ideia de raça, na medida em que, primeiro, compreendemos que as diferentes feições não são causadas pela diferenciação de raças dentro de um gênero, mas que a diversidade de fenótipos nada mais é do que o resultado dos processos migratórios naturais realizados pelos seres vivos. A validade desse raciocínio é dada pela capacidade de reprodução de seres de raças diferentes em produzir um semelhante fértil como defende Buffon.¹² Dito isso nas palavras do autor,

a divisão escolar se baseia em classes e divide-se por semelhança. A divisão natural, por outro lado, leva em conta os troncos [*Stämme*] e divide os animais segundo parentescos, com vistas à procriação [*Erzeugung*]. Aquela proporciona um sistema escolar para a memória, essa última um sistema natural para o entendimento: a primeira tem por objetivo unicamente intitular as criaturas, a segunda colocá-las sob leis.¹³ (*VvRM*, AA 02:429)

Os naturalistas defensores da divisão natural classificam os seres vivos a partir da sua capacidade reprodutiva, ou seja, através da capacidade de seres de raças diferentes em reproduzirem um ser semelhante fértil. Para fundamentar o seu ponto de vista, Kant fez uma alusão ao Conde de Buffon, pois

a regra *buffoniana*, a qual afirma que animais que procriam [*erzeugen*] conjuntamente crias [*Junge*] férteis pertencem a um único e mesmo gênero físico (não importa a diferença de feição [*Gestalt*] que os mesmos possam ter) na verdade, tem de ser vista apenas como a definição de um gênero natural de animais em geral, em contraste a todos os gêneros escolares dos mesmos.¹⁴ (*VvRM*, AA 02:429)

Assim, na perspectiva de Kant deve-se considerar que as diferentes raças da espécie humana são resultado do processo migratório realizado por elas e da capacidade reprodutiva delas, por esses motivos, não considerar isso em favor de uma classificação escolar é um desfavor ao entendimento humano. Para demonstrar como os processos migratórios da espécie humana possibilitaram a multiplicidade de feições, Kant propôs uma analogia entre o processo migratório dos pássaros e dos seres humanos na medida em que: “nos pássaros de uma mesma espécie [*Art*], que tem de viver em diferentes climas, existem germes [*Keime*] para o desenvolvimento [*Auswicklung*] de uma nova camada de penas, quando vivem no

¹² Georges Louis Leclerc, conde de Buffon (1707-1788), foi um naturalista, biólogo e escritor francês.

¹³ Die Schuleintheilung geht auf Klassen, welche nach Ähnlichkeiten, die Natureintheilung aber auf Stämme, welche die Thiere nach Verwandtschaften in Ansehung der Erzeugung eintheilt. Jene verschafft ein Schulsystem für das Gedächtniß; diese ein Natursystem für den Verstand: die erstere hat nur zur Absicht, die Geschöpfe unter Titel, die zweite, sie unter Gesetze zu bringen.

¹⁴ Daher muß die Buffonsche Regel, daß Thiere, die mit einander fruchtbare Jungen erzeugen, (von welcher Verschiedenheit der Gestalt sie auch sein mögen) doch zu einer und derselben physischen Gattung gehören, eigentlich nur als die Definition einer Naturgattung der Thiere überhaupt zum Unterschiede von allen Schulgattungen derselben angesehen werden.

clima frio, mas que são coibidos quando eles devem permanecer no clima moderado¹⁵.” (*VvRM*, AA 02:434) Deste modo, podemos concluir a partir da leitura desse texto de Kant o seguinte: que a multiplicidade das feições humanas que permitiram a catalogação da sua espécie em diferentes raças é apenas resultado dos diferentes processos migratórios realizados pela espécie humana e que o desenvolvimento de certas disposições naturais está associada às características geográficas nas quais determinado povo reside.

Como se pode constatar, a diferença entre a *Geografia física* e a *Historia natural* desenvolvida por Kant em *Physische Geographie* continua presente em *Das diferentes raças humanas*, pois na última obra citada a *Historia natural* se refere aos acontecimentos em relação ao tempo que se sucederam um após o outro e a *Geografia física* remete-se aos fenômenos que em relação ao espaço acontecem ao mesmo tempo. Acerca disso, argumentamos aqui, que a distinção entre essas disciplinas pode ser interpretada como um critério semântico, pois ela determina de que forma os enunciados dessas podem ser satisfazíveis por conteúdos dados e construídos na sensibilidade. Em uma carta de 1778 direcionada a Breitkopf, Kant argumentou o seguinte: ”porque a história da natureza não é a minha ocupação, mas apenas meu divertimento, e a principal intenção, que tenho com ela, tem em vista corrigir e ampliar o conhecimento da humanidade também por meio dela¹⁶.” (*Br*, AA 10:229) O exercício o qual ele se refere na carta é possível mediante uma visão cosmológica do homem e não fisiológica. Em *Das diferentes raças humanas*, Kant utilizou a classificação buffoniana de espécie para sugerir uma redefinição da classificação das diferentes raças dentro da espécie humana. Para Buffon, o que permitiria a classificação de raças dentro de uma espécie é a capacidade de reproduzir um semelhante fértil. A partir da capacidade de reprodução proposta por Buffon, Kant propunha uma reclassificação das espécies e que esta perspectiva investigativa permitia entender as diferentes feições dos seres humanos apenas como resultado do seu processo migratório, o que também acontece com os outros seres vivos.

Neste sentido, o problema apresentado pela *História natural* ocupa-se da ideia de um gênero fundamental, esse problema é solúvel na medida em que nessa disciplina os acontecimentos são narrados em relação ao tempo um após o outro. Ao contrário disso, o problema apresentado pela *Geografia* trata da classificação física dos seres vivos a partir do lugar que os mesmos são encontrados na superfície da Terra, essa questão é solúvel na medida em que os fenômenos são

¹⁵ In den Vögeln von derselben Art, die doch in verschiedenen Klimaten leben sollen, liegen Keime zur Auswicklung einer neuen Schicht Federn, wenn sie im kalten Klima leben, die aber zurückgehalten werden, wenn sie sich im gemäßigten aufhalten sollen.

¹⁶ [...] weil die Naturgeschichte nicht mein Studium, sondern nur mein Spiel ist und meine vornehmste Absicht, die ich mit derselben habe, darauf gerichtet ist, die Kenntnis der Menschheit auch vermittelst ihrer zu berichtigen und zu erweitern.

descritos em relação ao espaço que ocorrem ao mesmo tempo, pois as coisas do mundo são descritas a partir do lugar que as mesmas se encontram nele. Como se pode observar, os problemas propostos tanto na *Geografia física* quanto na *História natural* são distintos, mas são classificados como problemas solúveis, dado que a razão consegue determinar quais são os critérios de satisfabilidade das proposições que compõem essas disciplinas.

Conclusão

A diferença da *Geografia física* da *História natural*, de acordo com Kant, pode ser caracterizada a partir do modo como as proposições dessas disciplinas são satisfazíveis (preenchíveis) por conteúdos dados ou construídos na sensibilidade. No primeiro caso, os elementos que compõem as proposições geográficas referem-se aos acontecimentos dados espacialmente ao mesmo tempo. Enquanto, no segundo caso, as proposições naturalistas remetem-se aos acontecimentos dados temporalmente que ocorrem um após o outro. Em vista disso, interpretamos essa distinção apresentada por Kant como um critério semântico, na medida em que nos permite delimitar como os enunciados dessas disciplinas podem ser preenchidos por conteúdos dados ou construídos na sensibilidade. Para validar a nossa tese interpretativa, partimos dos resultados obtidos nas pesquisas de Loparic (Cf. 2005) e de Perez (Cf. 2008), pois ambos interpretam a filosofia transcendental kantiana como um tratado lógico-semântico.

Apresentadas essas observações acerca do viés interpretativo empregado aqui, então os resultados obtidos neste trabalho podem ser listados da seguinte maneira: 1º) tanto a *Geografia física* quanto a *Antropologia* fazem parte do *Conhecimento do mundo*, por essa razão, ambas são tidas como lições preparatórias [*Vorübung*], por isso são ditos como uma introdução enciclopédica acerca desse sistema. Em contrapartida, elas também são consideradas como ciências, na medida em que são um todo organizado a partir de uma regra, que nos permite derivar a parte do todo, assim configurando dois sistemas autônomos, mas que juntos formam o conhecimento do mundo; 2º) a distinção proposta por Kant da *Geografia física* da *História natural* ocupa-se da maneira de como os elementos que compõem as suas proposições se referem aos conteúdos dados ou construídos na sensibilidade, que no primeiro caso, são dados especialmente ao mesmo tempo e, que no segundo caso, são dados temporalmente um após o outro; 3º) o modo de solução dos problemas da *Geografia física* é diferente dos da *História natural*, pois ambas possuem indagações distintas. No caso da *Geografia física*, o problema é o seguinte: é possível elaborar uma classificação física dos seres vivos a partir do lugar que os mesmos habitam na Terra? Todavia, por exemplo, essa classificação não ocorre a partir do que a natureza fez do homem, mas de como eles vivem em

cada região do globo terrestre. No caso da *História natural*, o problema é o seguinte: é possível determinar um tronco comum para todas as raças humanas? A resposta kantiana para tal indagação é sim, pois podemos narrar as transformações que cada uma dessas raças passou até o protótipo fundamental da espécie, de forma regressiva e sucessiva, o que então nos permitirá demonstrar temporalmente os acontecimentos um após o outro. Para validar essa interpretação, recorreremos à tese da decidibilidade dos problemas da razão desenvolvida por Loparic, que exige que para cada problema dado pela natureza da nossa própria razão, ela deve determinar quais são os seus critérios de solubilidade, o que nos permitirá classificar as questões como solúveis ou insolúveis.

Por fim, defendemos aqui que a distinção proposta por Kant em *Physische Geographie* entre a *Geografia física* e a *História natural* pode ser interpretada como um problema semântico, pois essa distinção determina como as proposições dessas disciplinas podem ser satisfeitas por conteúdos dados ou construídos na sensibilidade.

Referências bibliográficas

- DICKES, E. *Untersuchungen zur Kants physische Geographie*. Tübingen: Mohr, 1911.
- DICKES, E. *Kant als Naturforscher*. Band II. Verlag W. DE Gruyter & CO: Lisboa, 1925.
- ARNOLDT, E. *Kritische Excursus im Gebiete der Kant-Forschung*. F. Beyer, 1894.
- BRANDT, R. *Kommentar zu Kants Anthropologie*. Hamburg: Felix Meiner Verlag GmbH, 1999.
- COHEN, A. *Kant and the human sciences: biology, anthropology and history*. Palgrave Macmillan; 2009.
- KANT, I. *Gesammelte Schriften* Hrsg.: Bd. 1-22 Preussische Akademie der Wissenschaften, Bd. 23 Deutsche Akademie der Wissenschaften zu Berlin, ab Bd. 24 Akademie der Wissenschaften zu Göttingen. Berlin 1900ff.
- KANT, I. *Immanuel Kant's Menschenkunde: oder philosophische Anthropologie*. In STARK, F. Leipzig, 1831.
- KANT, I. *Crítica da razão pura*. Trad. Valério Rohden e Udo Baldur Moosburger. São Paulo: Abril, 1980.
- KANT, I. *Crítica da razão prática*. Ed. Bilíngüe. Trad. Valério Rohden. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- KANT, I. *Crítica da Faculdade do Juízo*. 2ª Ed. Trad. Valério Rohden e António Marques. Rio de Janeiro: Forense Universidade, 2005.
- KANT, I. *Prolegômenos a toda a metafísica futura*. Trad. Artur Morão. Lisboa/Portugal: Edições 70, 2003.
- KANT, I. "Sonhos de um visionário explicados por sonhos da metafísica". Trad. Joãozinho Beckenkamp. In *Escritos pré-críticos*. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

- KANT, I. *Antropologia de um ponto de vista pragmático*. Trad. Clélia Aparecida Martins. São Paulo: Editora Iluminuras, 2006.
- KANT, I. *O único argumento possível para uma demonstração da existência de Deus*. Trad. Carlos Morujão. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004.
- KANT, I. “Das diferentes raças humanas”. Trad. Alexandre Hahn. *Kant e-Prints*. Campinas, Série 2, v. 5, n. 5, p. 10 - 26, número especial, jul.- dez., 2010.
- LOPARIC, Z. *A semântica transcendental de Kant*. Campinas: UNICAMP, Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência, 2005.
- LOUDEN, R. *Kant's Impure Ethics*. New York: Oxford University Press, 2000.
- LOUDEN, R. *Kant's human being: essays on his theory of human nature*. New York: Oxford University Press, 2011.
- LOUDEN, R. “The second part of morals”. In: JACOBS, B, KAIN, P. (org.) *Essays on Kant's Anthropology*. New York: Cambridge University Press, 2003.
- PEREZ, D. “A antropologia pragmática como parte da razão prática em sentido kantiano”. *Manuscrito – Revista Internacional de Filosofia*, v. 32, n. 2, (2009), p. 357-397.
- PEREZ, D. “O significado de natureza humana em Kant”. *Kant e-Prints*, v. 5, n. 1, (2010), p. 75-87.
- PEREZ, D. “A relação entre a teoria do juízo e a natureza humana em Kant”. *Educação e Filosofia*, v. 27, n. especial, (2013), p. 233-258.
- MAY, J. *Kant's concept of geography and its relation to recent geographical thought*. Published for the University of Toronto Dept. of Geography by University of Toronto Press, 1970.
- SANTOS, L. *Metáforas da razão ou economia poética do pensar kantiano*. Fundação Calouste Gulbenkian e Junta nacional de investigação científica e tecnológica: Lisboa, 1995.
- SANTOS, L. “A formação do pensamento biológico de Kant”. In MARQUES, U. *Kant e a biologia*. São Paulo: Barcarolla, 2012.
- VOLLMER, J. *Physiche Geographie nach Kantischen Ideen*. Mainz und Hamburg. 1802 - 1805.
- ZAMMITO, J. *Kant, Herder and the birth of Anthropology*. Chicago: The University of Chicago Press, 2002.

Resumo: O objetivo deste trabalho é demonstrar que a distinção proposta por Kant entre a *Geografia física* e a *História natural* (tal como encontramos em *Physische Geographie* e outras obras de 1770) pode ser interpretada como o estabelecimento de dois domínios distintos de resolução de problemas da razão conforme a tese da decidibilidade desenvolvida por Loparic (2005). Essa interpretação é válida, na medida em que os elementos que compõem as proposições geográficas se referem aos acontecimentos dados espacialmente ao mesmo tempo, enquanto, no caso da *História natural*, elas se referem aos fatos dados temporalmente um após o outro. Por isso, reconstruiremos aqui essa distinção apresentada pelo autor investigado a partir do viés interpretativo lógico-semântico, pois a distinção desenvolvida por Kant entre essas disciplinas delimita de que maneira as proposições da *Geografia física* e da *História natural* podem ser satisfeitas por objetos dados ou construídos na sensibilidade.

Palavras-chaves: Geografia física; História natural; Classificação física; Tempo; Espaço.

Abstract: The objective of this work is to demonstrate that the distinction proposed by Kant between physical geography and natural history (as found in *Physische Geographie* and other works of 1770) can be interpreted as the establishment of two distinct areas of problem resolution of reason as the thesis of decidability developed by Loparic (See 2005). This interpretation is valid insofar as the elements of the geographical propositions relate to events occurred spatially at the same time, while in the case of natural history, they refer to the facts occurred temporally one after the other. So we will rebuild here this distinction presented by the author investigated from the logical-semantic bias interpretation because the distinction developed by Kant between these delimits disciplines how the propositions of Physical geography and natural history can be satisfied by given objects or built in sensitivity.

Keywords: Physical geography; Natural history; Physical classification; Time; Space.

Recebido em: 06/2017

Aprovado em: 12/2017